

DEPARTAMENTO DE LETRAS

Curso de Especialização – Pós Graduação *Lato Sensu*

Formação de Professores de Português para Estrangeiros

Todo o dia, o dia todo:

A ordem dos pronomes indefinidos nas obras de Rubem Fonseca e seu ensino em aulas de PL2E.

All day, every day:

The order of indefinite pronouns in the work of Rubem Fonseca and the teaching of these pronouns in the classes of Portuguese as a foreign language and/or as a second language

Eliana Fernandes Lourenço

Professor orientador: Sheila Mejlachowicz

Eliana Fernandes Lourenço

Todo o dia, o dia todo:

**A ordem dos pronomes indefinidos nas obras de Rubem
Fonseca e seu ensino em aulas de PL2E**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Letras. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Orientadora: Sheila Mejlachowicz

Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 2015

À minha mãe onde quer que ela esteja, cujo vazio de sua ausência me impulsionou a tentar preenchê-lo com novos conhecimentos.

Ao meu filho, Bernardo, gerado durante esse curso - a luz da minha escuridão.

Ao meu marido, cujo sutil apoio nos últimos suspiros desse trabalho, fez merecer a tempo essa dedicatória.

E à vida que diante de tantos contratemplos, deu-me a oportunidade de provar que os guerreiros, não esmoreceremos jamais.

Agradecimentos

À Coordenação do curso de pós-graduação de Português para Estrangeiros que soube compreender as minhas necessidades nesse delicado momento.

Em especial a minha orientadora pela paciência, carinho, confiança, apoio e entendimento.

Às colegas Daiane e Fabiane pela ajuda prestada durante essa importante empreitada.

E ao amigo Alexandre pela credibilidade, incentivo e amizade.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar a ordem dos pronomes indefinidos nas obras de Rubem Fonseca, identificando os casos em que a mudança na ordem dos pronomes na sentença implica na mudança de sentido e, quando a alteração da posição é apenas uma questão de estilo ou de ênfase. O reconhecimento - por parte do estudante estrangeiro - das interferências semânticas que a ordem pode provocar amplia a compreensão e a capacidade de produção da língua em aquisição. Em geral, os materiais didáticos dedicados ao ensino do português como língua estrangeira e/ou como segunda língua não abordam a questão da ordem na frase.

Utilizamos os contos fonsequianos pela predominância da linguagem informal, sendo um interessante gancho para trabalhar a oralidade, já que a fluência em um determinado idioma ultrapassa os conhecimentos estritamente gramáticos, por essa razão, optamos pela Gramática Funcional, como teoria base por melhor atender aos propósitos desta pesquisa.

Palavras-chave: Ordem dos pronomes indefinidos, ensino de português como língua estrangeira e/ou segunda língua, material didático, Rubem Fonseca.

Abstract

The aim of this research monograph is to analyze the order of indefinite pronouns in the work of Rubem Fonseca, and to identify the instances where a change in the pronoun order in a sentence causes a change in meaning, and where a change in position is only a matter of style or emphasis. The acknowledgment – on the part of a foreign student – of semantic interferences that the word order may provoke helps him or her broaden their comprehension and their production ability in the language being acquired. Generally, learning materials focused on the teaching of Portuguese as a foreign language and/or as a second language do not handle the subject of word order in a sentence.

The short stories of Fonseca are used here in light of their predominance of the informal language, which is an interesting way to approach the study of orality, since fluency in a specific language exceeds a strict knowledge of grammar rules. For this reason, the theory of Functional Grammar has been chosen here as a basis, in order to better meet the purposes of this research.

Keywords: indefinite pronoun order, Portuguese as a foreign and/or second language, learning materials, Rubem Fonseca.

Sumário

1 Introdução	7
1.1. Justificativa	10
1.2. Objetivos	10
1.2.1. Objetivo Geral	11
1.2.2. Objetivos Específicos	11
1.3. Hipótese	11
2 Metodologia	13
3 Revisão da literatura	14
4 Fundamentação teórica	19
5 Análise de dados	22
5.1. Prática e reflexão	22
6 Conclusão	33
7 Referências bibliográficas	35
Anexos	37

Esta é uma história sobre quatro pessoas: “*Todo Mundo*”, “*Alguém*”, “*Qualquer Um*”, e “*Ninguém*”.

Havia um importante trabalho a ser feito, mas “*Todo Mundo*” tinha certeza que “*Alguém*” o faria.

“*Qualquer Um*” podia tê-lo feito, mas “*Ninguém*” o fez.

“*Alguém*” zangou-se, porque achava que era um trabalho para “*Todo Mundo*”.

“*Todo Mundo*” pensou que “*Qualquer Um*” podia resolver o assunto, mas “*Ninguém*” imaginou que “*Todo Mundo*” deixasse de fazê-lo.

No final, “*Todo Mundo*” culpou “*Alguém*”, quando “*Ninguém*” fez o trabalho que “*Qualquer Um*” podia ter feito.

Autor desconhecido

Introdução

A presente pesquisa abordará um aspecto gramatical relevante do português brasileiro relativo ao ensino e aprendizagem desta língua para estrangeiros, já que contribui para a compreensão e produção com competência do idioma em aquisição. Nosso estudo analisará a posição dos pronomes indefinidos, sua realização, as diferenças semânticas decorrentes das alternâncias de posição desses pronomes nas frases e suas nuances de natureza enfática.

O aspecto semântico da posição dos pronomes indefinidos nos livros didáticos para estudantes de PL2E analisados não é abordado. Em geral, limita-se a descrever apenas os pronomes indefinidos, ignorando as mudanças de sentido quando temos enunciados como: “*Todo* o dia ela fez a mesma coisa” e “O dia *todo* ela fez a mesma coisa”. Através desse breve exemplo, podemos constatar como a posição do pronome antes ou depois do substantivo desempenhou, no discurso, significação bem distinta.

A observação da ocorrência desse tipo de fenômeno e da carência de estudos sobre o assunto gerou a motivação inicial para nos dedicarmos ao referido assunto, pois acreditamos que contribuiremos tanto para o ensino de PL2E como para o enriquecimento da literatura sobre o tema, para nós nativos.

A literatura sobre os pronomes indefinidos, nas gramáticas tradicionais utilizadas para embasar esse trabalho, limita-se a conceituá-los, a descrevê-los e a classificá-los quanto a sua variabilidade ou então, a questionar se os pronomes interrogativos devem ser classificados como indefinidos ou não e, quando a questão da ordem é abordada, em geral, não focam nos pronomes indefinidos, mas nos termos essenciais da oração. A colocação dos pronomes indefinidos na frase e seu efeito no discurso são desprezados. Por essa razão, são necessárias análises mais aprofundadas acerca do objeto em questão como parte do processo reflexivo em torno da estrutura da língua, que resultam no preenchimento de lacunas, como é o nosso caso.

Para os professores de PL2E a conscientização de que o emprego dos pronomes indefinidos supera o uso tradicional e mecânico descrito pelas gramáticas influencia na melhoria das aulas e na escolha do material utilizado para abordagem desse item gramatical através de pesquisas em diversos gêneros textuais – vídeos, propagandas, receitas, quadrinhos etc..., já que, nas gramáticas, não encontramos a abordagem pelo viés da colocação do pronome no enunciado. Sendo assim, será a literatura do escritor Rubem Fonseca, o gênero textual que irá compor nosso *corpus* de análise, pois embora faça uso do registro padrão, o autor é conhecido pela presença da oralidade em suas obras.

A gramática constitui um instrumento importante na aprendizagem de uma língua, entretanto insuficiente quando se trata da complexidade do idioma e, por conseguinte do ensino para estrangeiros. Assim, para o desenvolvimento de uma competência linguística satisfatória – tanto na produção como na compreensão - o entendimento de variações semânticas é imperativo, pois auxiliarão para uma melhor integração em um novo ambiente – tanto para aqueles estudantes estrangeiros residentes no Brasil, quanto para evitar ruídos e equívocos na comunicação em português, além de cooperar para o entendimento do nosso próprio idioma que, por vezes, diante do uso autômato, se torna imperceptível.

Na *Gramática do Português Falado: A ordem*, Neves em um estudo comparativo, descreve em seu capítulo a ordem dos termos nas gramáticas tradicionais e, em uma de suas análises, aborda a liberdade de ordenação dos termos em português. Os autores pesquisados, em geral, apontam a língua portuguesa como uma língua flexível onde há espaço para inversões dos posicionamentos dos termos. Essa liberdade ofereceria aos usuários, possibilidades de escolhas a fim de melhor transmitir a intenção linguística do falante ao que Domingos Pascoal Cegalla (*apud* Neves, 2002), conclui: “*muitas vezes livre e quase nunca está sujeita a normas rígidas e inflexíveis.*”

Alguns autores, entretanto são cautelosos ao afirmar sobre a flexibilidade do posicionamento dos termos na oração, como em Antenor Nascentes ao afirmar que a língua portuguesa “goza de certa liberdade de construção”. Além dos autores citados, Neves coteja a visão da ordem em vários outros autores das gramáticas tradicionais e, encerrada as comparações à autora conclui que a

liberdade descrita em várias gramáticas é questionável, não sendo tão livre como possa dar a entender e que a “quebra” de uma ordem usual, teria motivações próprias, entre elas de propósitos linguísticos cujas alterações podem causar estranhamentos em algumas estruturas já consolidadas na língua:

Apesar dessa quase unanimidade na evocação da “liberdade” ou “flexibilidade” de colocação em português, o desenvolvimento do assunto nos diversos autores vai mostrar que está em questão mais o fato de o sistema prever uma gama de possibilidades de colocação do que a aceitação de uma não-discriminação para determinadas colocações que, previstas no sistema, são, porém, mal aceitas segundo as convenções tradicionais de uso. Assim, por razões diversas, certas colocações vêm, muitas vezes, proscritas (Neves, 2002, p.181).

E os pronomes indefinidos? Gozam da mesma liberdade de ordenação na frase sem comprometimento semântico ou estilístico da mensagem? A resposta é não. Veremos em nossas análises que a simples mudança de posição dos pronomes resultará igualmente na mudança de sentido e, em outros casos o significado permanecerá inalterado, entretanto percebemos que a mudança de ordem reforça, de modo enfático, o discurso.

Dessa forma, deixamos claro na justificativa do presente trabalho a relevância desse estudo, o qual procura descrever os pronomes indefinidos e sua ordenação e o quanto contribuirá para o ensino de português enquanto segunda língua e língua estrangeira.

O objetivo geral consistirá em demonstrar quando esses posicionamentos geram mudança de significado e quando é recurso estilístico a fim de acentuar a ideia transmitida. Para isso, em nossa hipótese, consideramos que a escolha pelos textos fonsequianos atenderá nossos propósitos em aulas para estudantes avançados de PL2E, pois concentra o registro formal, mas também utiliza a linguagem muito próxima da oralidade, aproximando o ensino do português ao uso real da língua.

Como nossa pesquisa está voltada para língua em seu uso concreto, utilizaremos como metodologia a análise qualitativa do *corpus* extraído da literatura dos livros de Rubem Fonseca por esta literatura concentrar em sua escrita o registro formal, características da oralidade e contextos com fortes cargas

discursivas que nos permitirão demonstrar nuances e efeitos estilísticos da sintaxe de ordenação.

Na revisão da literatura, pesquisaremos em algumas gramáticas normativas e como nelas são abordados os pronomes indefinidos e sua colocação, a fim de nos certificarmos da real necessidade do presente estudo.

Em razão de nos concentrarmos nas funções decorrentes da ordem dos pronomes indefinidos, nosso trabalho será desenvolvido a partir da perspectiva funcionalista que reúne em si, o estudo da estrutura da língua e a sua realização no discurso, ultrapassando a fronteira estrita da gramática e considerando a língua em um dos seus objetivos de chegada: a interação social.

Por fim faremos a descrição e análise dos dados, a partir dos exemplos extraídos do nosso *corpus*, relatando o comportamento sintático, semântico e estilístico dos pronomes indefinidos conforme seus posicionamentos nas orações. Encerrada as análises dos dados, traremos as conclusões oriundas das reflexões realizadas no decorrer desse trabalho.

1.1.

Justificativa

Tratando-se o tema dessa pesquisa da posição dos pronomes indefinidos, constatamos que há poucos estudos tanto na literatura em geral como nas gramáticas tradicionais. Logo, novas pesquisas que ampliem a literatura e contribuam para o entendimento da nossa língua, são necessárias, pois as gramáticas por si só não abrangem toda a complexidade de um idioma.

Novas pesquisas resultam em novas reflexões e, por conseguinte, em caminhos inéditos que auxiliarão, aos interessados na área, o ensino de português como segunda língua ou como língua estrangeira.

1.2.

Objetivos

1.2.1.

Objetivo Geral

Pesquisar os casos em que a ordem dos pronomes indefinidos na oração acarreta mudança de sentido do discurso e demonstrar os casos em que a alternância na frase se configura apenas como um recurso estilístico de ênfase da mensagem, não alterando, portanto, a ideia a ser transmitida.

1.2.2.

Objetivos Específicos

- a) Indicar os casos em que a ordem dos pronomes indefinidos na frase faça a diferença na mensagem, a fim de que os estrangeiros aprendizes do português tomem conhecimento desse fato.
- b) Aprendizagem e uso adequado dos pronomes indefinidos pelos estrangeiros conforme o português corrente.
- c) Ampliar a visão pedagógica do ensino de PL2E para além da gramática normativa para que assim, o foco na elaboração das aulas seja a língua em seu uso real.

1.3.

Hipótese

Para o estudo da ordem dos pronomes indefinidos na oração, escolhemos as obras de Rubem Fonseca que facilitarão a compreensão, por parte dos alunos de nível intermediário, tanto dos efeitos estilísticos quanto dos efeitos semânticos decorrentes da mudança no posicionamento dos pronomes, já que, encontramos em sua literatura o registro formal, mas também vozes do discurso oral, talvez pelo cunho violento composto pela forte carga emotiva.

A mescla da presença desses dois registros favorecerá trabalhar com o aluno tanto o registro escrito formal, quanto o registro oral, além de possibilitar a introdução de ícones da literatura brasileira nas aulas de PL2E.

2

Metodologia

Para a proposta do nosso trabalho, acreditamos ser a análise qualitativa a metodologia que melhor atende aos nossos objetivos. O *corpus* que alimentará essa investigação será retirado da literatura, no nosso caso das obras do escritor Rubem Fonseca, conhecido pela literatura policial de cunho brutalista. Encontramos nas escritas do autor a presença marcante da oralidade, já que trabalharemos nuances que estão mais presentes no discurso oral que no registro formal da língua. A partir da pesquisa em suas obras, recolheremos frases que nos servirão como recorte da língua em uso e as trabalharemos em contraposição com as mesmas orações, entretanto mudando o pronome indefinido de lugar como forma de confronto e para tornar perceptível a diferença no resultado semântico decorrente da simples mudança de posição dos pronomes indefinidos.

Trabalharemos igualmente exemplos cuja alteração na ordem não implica em variação semântica, mas serve de recurso estilístico para enfatizar a mensagem. Dessa forma ficará evidente para o estrangeiro quando essas alterações no posicionamento têm efeito real sobre a oração ou quando servirão como recurso alegórico com intuítos estilísticos de acentuação da mensagem.

Verificaremos como a gramática normativa trata o assunto e também nos pautaremos nela para sustentar nossa pesquisa, principalmente a Gramática de Usos, elaborada por Maria Helena de Moura Neves. Averiguaremos alguns materiais didáticos para o ensino de português para estrangeiros, a fim de avaliar criticamente como o tema vem sendo abordado independente das propostas pedagógicas adotadas em cada livro.

3

Revisão da Literatura

A fim de embasar nossa pesquisa, buscamos nas gramáticas tradicionais o que dizem sobre os pronomes indefinidos e sobre a sintaxe de colocação ou de ordem. Em Cunha e Cintra encontramos no capítulo sobre pronomes, descrição dos pronomes indefinidos, suas variáveis e invariáveis. Em seguida há uma parte sobre os valores de alguns indefinidos. Nessa seção podemos observar uma análise digamos, semântica, dos pronomes indefinidos conforme anteposição ou posposição a um substantivo e o valor que assumem na frase, em geral positivo ou negativo. Essa é a análise máxima sobre a colocação ou a ordem dos pronomes na oração que podemos deduzir em Cunha e Cintra.

Na gramática de autoria do Bechara encontramos uma conceituação dos pronomes, a diferença entre pronomes substantivos e adjetivos, suas variáveis e invariáveis. Nessa gramática é interessante observar que há um capítulo exclusivo sobre sintaxe de colocação ou de ordem. Em dois momentos o autor descreve sucintamente a posição dos pronomes dentro da oração: “a colocação do adjunto não representado por adjetivo (artigo, pronome adjunto, quantificadores) antes do substantivo” e, posteriormente completado: “os artigos, os pronomes (adjuntos), os quantificadores (com exceção dos cardinais com valor de ordinais) se antepõem”. Ambas as constatações não consideram, entretanto, o valor semântico quando da alternância do termo indefinido na oração. Bechara, contudo não ignora o fenômeno, fazendo uma observação no capítulo dedicado à conceituação e às características gerais da categoria pronominal: “muitas vezes a posição da palavra altera seu sentido e sua classificação” (BECHARA, 2005, p.169).

Na gramática Houaiss da Língua Portuguesa não há nenhuma menção sobre sintaxe de colocação dos pronomes na oração. Azeredo, é enfático na sua conceituação e, divide os indefinidos em variáveis em gênero e número e em invariáveis.

As gramáticas analisadas acima são gramáticas normativas que estabelecem as regras de funcionamento da língua baseadas em certo e errado e, em seus usuários eruditos, como os bons escritores. Talvez isso justifique o

discreto tratamento dado à ordem dos pronomes indefinidos na construção de significados.

Por outro lado, temos na gramática descritiva de Perini, 2012, um capítulo dedicado à ordem dos termos no SN onde explica que “a ordem dos diversos elementos dentro do SN obedece a fatores sintáticos, semânticos e discursivos. Essa ordenação é descrita, primariamente, em termos da posição dos diversos limitadores em relação ao núcleo ou ao início do sintagma”. (Perini, 2012, p.259). Como podemos verificar, ele afirma que a posição em geral anterior ao substantivo estabelecida pelas gramáticas normativas é primária e subdivide os pronomes indefinidos em elementos pré-nucleares e pós-nucleares. Quanto aos pronomes indefinidos pré-nucleares, esclarece que há dificuldades em estabelecer esses posicionamentos, sendo preferível deixá-los indefinidos à espera de pesquisas, afirmando que “na maioria dos casos, essa diferença de posição se correlaciona com uma diferença nítida de significado”.

É na gramática de usos do português de Maria Helena de Moura NEVES que encontramos a descrição mais detalhada sobre os pronomes indefinidos. No capítulo, a autora analisa diversos pronomes de forma individualiza e como eles se comportam na oração, seus valores, suas posições na frase, seus traços semânticos (+humanos / -humanos) enfim, busca abrangência de análise pouco comum nas gramáticas mais conservadoras.

Logo, concluímos que nas gramáticas tradicionais a colocação e, por conseguinte a construção do sentido ocasionado pela ordem não constitui preocupação maior nas gramáticas normativas, sendo ponto de atenção das gramáticas descritivas, cujo foco é o uso da língua no seu âmbito funcional.

Examinamos igualmente alguns métodos didáticos para identificarmos a atenção dispensada à ordem dos pronomes indefinidos e como eles são apresentados. Começamos com o livro de curso intensivo de português para estrangeiros, *Diálogo Brasil* da editora EPU, edição de 2003. Essa edição condensa no mesmo volume o nível iniciante, desde as primeiras noções sendo feita uma progressão de forma que ao concluir o livro, o aluno possua conhecimentos de nível intermediário. Por essa razão, o método apresenta, num primeiro momento, os itens gramaticais a serem trabalhados a partir de textos e,

em seguida, são apresentados exercícios para fixação que são intensificados conforme a progressão dos conteúdos, eles são intensificados, aumentando o nível de dificuldade do uso de português. Depois dos cinco primeiros capítulos é feita uma avaliação englobando os temas trabalhados, a fim de revisar o conteúdo aprendido. Assim, logo na unidade quatro são introduzidos os pronomes indefinidos, *todo o, toda a, todos os, todas as e tudo*. A matéria apresentada introduz as diferenças semânticas provenientes da alteração da ordem e, proporciona ao professor margens para que a mudança de posicionamento seja trabalhada. Uma das frases que contextualiza o conteúdo deixa evidente para o estrangeiro, como os pronomes indefinidos podem ser amplos de sentidos: “*Neste supermercado você encontra tudo, todo dia, o dia todo, todos os dias da semana*”.

Mais adiante, no nível intermediário, na unidade dez, os pronomes indefinidos são retomados, entretanto, acrescentando os pronomes que não foram ensinados anteriormente. No referido capítulo os pronomes indefinidos são descritos a partir de seus pares opostos: *alguém x ninguém / tudo x nada / várias x cada*. O professor nessa etapa pode trabalhar a flexibilidade dos pronomes, seus opostos e a dupla negação, a partir de um curto diálogo que contextualiza o aluno sobre os indefinidos. Aqui apenas alguns indefinidos são mostrados e, em seguida um exercício de fixação é aplicado. Exceto quanto aos pronomes *todo e todo o*, a ordem e nuances dos pronomes não são considerados na explicação do livro.

Muito Prazer – Fale o Português do Brasil – da editora Disal, edição de 2008 é um livro igualmente conciso que concentra os níveis iniciante e intermediário. Esse método apresenta o conteúdo gramatical uma única vez e a ordem de apresentação segue o avanço da aprendizagem, conseqüentemente, os pronomes indefinidos aparecem no início do nível intermediário, na página 144, sendo apresentados em duas partes numa mesma página. Primeiramente, divididos em masculino x feminino e, seguido por suas flexões: *algum x alguns / alguma x algumas / muito x muitos / muita x muitas e nenhum x nenhuma*. Depois esses mesmos pronomes são retomados, entretanto, acompanhados pelo substantivo e contextualizados com frases. Uma vez apresentados, exercícios de fixação revisam o conhecimento do aluno. Tanto a ordem como a nuance não são trabalhados. Tanto no âmbito gramatical quanto no pragmático, os indefinidos são descritos de forma superficial nesse método.

O terceiro e último livro didático analisado, é o Novo Avenida Brasil 2, editora EPU, edição 2013. Esse método foi dividido em três unidades, a fim de se adequar ao Quadro Comum Europeu, sendo o primeiro nível iniciante, o segundo equivalente ao nível intermediário e a última unidade referente ao nível avançado. Em concordância com os outros dois métodos analisados, os pronomes indefinidos são apresentados aos estudantes de nível intermediário. São dispostos os pronomes indefinidos: *alguém, algum, algo, ninguém, nenhum*, em seguida, um quadro e um diálogo com os respectivos opostos e algumas frases para situar o aluno quanto à dupla negação dos pronomes. Na lateral do capítulo, observamos alguns balõezinhos que incitam o diálogo em sala de aula, a fim de trabalharem dos pronomes indefinidos na oralidade. Posteriormente, na seção de exercícios escritos, o processo se mantém: frases interrogativas incompletas demandam a complementação do pronome indefinido cabendo ao aluno o preenchimento que falta, assim como, a resposta por completo da sentença interrogativa na negativa. Dessa forma, revisam-se os opostos e as flexões dos pronomes. Entretanto, não encontramos, assim como no método anterior, nenhuma menção à mudança de ordem nas frases e suas interferências semânticas.

Como podemos observar nos três exemplares consultados, à exceção do Diálogo Brasil - onde encontramos um espaço para iniciar nossos propósitos de ensino – a reflexão gramatical acerca da importância pragmática da colocação dos indefinidos nas frases não existe. Embora suas propostas de abordagem sejam o método comunicativo cujo foco é a interação comunicativa, o efeito discursivo proveniente da mudança de ordem é descartado.

Todavia, acreditamos que as análises realizadas tanto dos livros didáticos quanto das gramáticas normativas não representam por inteiro toda a literatura dessas disciplinas, deve haver obras que contemplem o que a proposta dessa monografia considera como importante.

Além da pesquisa realizada nas gramáticas e nos livros didáticos, estendemos nossa observação para outros trabalhos de cunho acadêmico (monografias, teses, dissertações) para verificar a existência de estudos sobre o tema, da ordem nos pronomes indefinidos, entretanto também não encontramos. As ocorrências são poucas e as considerações provenientes de um olhar

consciente, do uso real da língua no ensino de PL2E ainda são discretas. Essa pesquisa surge assim, útil, para o que acreditamos ser relevante no ensino e aprendizagem do português, tal como, no desenvolvimento da competência comunicativa objetivada pelos estrangeiros que escolheram, por razões várias, o português enquanto língua estrangeira ou segunda língua.

4

Fundamentação Teórica

A proposta desse trabalho é descrever a ordem dos pronomes indefinidos na frase e, apurar as alterações de significado decorridas da mudança no posicionamento na oração. Para essa apuração faremos um cruzamento da língua em seu uso - a partir do registro formal, porém com marcas da oralidade - e do que propõe as gramáticas normativas, enquanto espaço privilegiado de análise estrutural da língua. Podemos concluir que para atender ao diálogo entre essas duas vertentes, o melhor caminho teórico é o do funcionalismo, pois entendemos a gramática funcional como “uma teoria da organização gramatical das línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global da interação social.” (NEVES, 1997, p.112).

Enquanto corrente teórica, o funcionalismo consiste, em tentar compreender como conseguimos nos comunicar através da língua. Mackenzie (*apud*, Neves, 1994, p.22) afirma que “a gramática funcional visa explicar regularidades nas línguas, e através delas, em termos de aspectos recorrentes das circunstâncias sob as quais as pessoas usam a língua”.

O termo funcionalismo surge a partir da Escola Linguística de Praga que entende que os itens que compõem um enunciado são multifuncionais. A língua é vista como um mecanismo sistêmico-funcional, sendo composto por sistemas que se integram para atender a uma função ou multifunções. Por essa razão, ao contrário do formalismo, a descrição da língua não pode extinguir-se no estudo único de sua estrutura, sendo necessária a perícia das “frases realizadas para cuja interpretação se atribui especial importância ao contexto, tanto verbal como não verbal” (NEVES, 1997, p.17).

Enquanto suporte teórico, o funcionalismo, apesar de abarcar várias vertentes dentro de si, encontrou em todas uma base em comum: o interesse em identificar como se realiza a competência linguística considerando a arquitetura linguística e o contexto em que é elaborada. O funcionalismo se caracteriza pelo estudo da língua em seu aspecto interno e externo, o que significa dizer que, a

estrutura gramatical assim como os elementos externos - o falante, seus envolvidos e o contexto discursivo são considerados em seus estudos. A língua é composta de elementos que “somados” formam um todo para atender a função comunicativa que na visão dos que seguem sua linha como Halliday se dividiriam em: ideacional, interpessoal e textual (apud, NEVES, 1997, p.12). O modelo elaborado por ele é o modelo sistêmico-funcional, isso significa dizer que possuímos duas possibilidades alternativas, que são a “cadeia” (o sintagma) e a “escolha” (o paradigma) (apud, NEVES, 1997, p.60). Funcional no aspecto sintagmático e sistêmico no aspecto paradigmático. O importante a ser observado é que na investigação de Halliday, admitindo-se a pluralidade funcional, consideram-se as interferências que isso possa ter na base de sua organização semântica e sintática, ou seja, lexical e gramatical (p.12).

Dik, outro estudioso adepto da linha funcionalista, aponta em um paradigma funcional que a língua é um instrumento verbal, utilizado para a interação social e, por essa razão a estrutura gramatical sofreria pressões externas a fim de responder às necessidades de comunicação. Isso torna a língua maleável e não autônoma, já que considera o propósito comunicativo e seu contexto discursivo. A linguagem assim seria uma atividade cooperativa para atender à expectativa social, sendo necessária, ao menos dois participantes para alcance de seus objetivos.

Mais moderada é a proposta de Dik, cuja gramática funcional constitui uma teoria de componentes integrados, uma teoria funcional da sintaxe e da semântica, a qual, entretanto, só pode ter um desenvolvimento satisfatório dentro de uma teoria pragmática, isto é, dentro de uma teoria da interação verbal (Neves, 1997, p. 25).

O funcionalismo difundido pela Escola de Praga, ao analisar a ordem das palavras na língua tcheca, consolidou a ordem como singular objeto de estudo, já que “a ordem das palavras constitui o principal fator de organização informativa da frase” (Neves, 1997, p.18). É exatamente nesse campo que a referida abordagem sustenta nossas intenções. Ao analisarmos a ordem dos pronomes indefinidos na frase, estamos analisando gramaticalmente como se comporta o pronome na oração, entretanto, percebemos que conforme varia a intenção comunicativa, há alternância no seu posicionamento. Logo, podemos concluir que não há uma posição fixa, já que, se sujeita ao propósito de mensagem que o

falante deseja transmitir. Isso significa afirmar exatamente a proposta teórica do funcionalismo – a interferência na estrutura gramatical provocada pelas pressões externas do discurso. As escolhas do falante atendem a um objetivo, a uma função, fruto das interações sociais para as quais a língua, enquanto sistema comunicativo, também cumpre a função de constituir a comunicação entre os usuários. Assim procederemos em nossas análises, a partir do comportamento gramatical dos pronomes indefinidos, comprovaremos que a escolha na colocação dos pronomes na frase atende, sobretudo, à determinada intenção no discurso, ratificando os preceitos do funcionalismo em que busca no ambiente discursivo a motivação principal para os fatos da língua. Com relação à ordem das palavras, as gramáticas normativas geralmente se ocupam da posição SVO, ou seja, quanto aos posicionamentos de termos que são acessórios, quando se tratam dos pronomes indefinidos, a literatura se torna mais escassa. Entretanto na gramática funcional o tema ganha relevância, pois a ordem das palavras para a gramática funcional é uma forma de aferir a instrumentalidade da língua, pois evidencia que a estrutura gramatical se justifica a partir das escolhas feitas pelos falantes, que por sua vez, é motivada por fatores discursivos. É por essa ótica que conduziremos nosso trabalho, buscando entender os fenômenos da ordem dos pronomes indefinidos através da gramática e do seu uso durante o discurso, considerando o contexto de sua realização. Dessa forma, acrescentamos mais uma literatura sobre o assunto, com a finalidade maior de contribuirmos para a compreensão do complexo sistema comunicativo que é a língua.

5

Análise de dados

Baseado no que já foi descrito, a partir daqui faremos a análise de dados. Descreveremos frases e as estudaremos como os pronomes se comportam sintaticamente e semanticamente. Pelos exemplos extraídos poderemos fazer a conclusão de como vem se comportando os pronomes indefinidos na prática e, por conseguinte, na atualidade.

5.1.

Prática e reflexão

É importante salientar, para início de nossas pesquisas, que adotamos conceitualmente como pronomes indefinidos, a mesma descrição das gramáticas tradicionais exposta em Neves em sua Gramática de Usos: “série heterogênea de elementos que se unem pela noção comum de indefinição semântica, a qual pode catalogar-se como de identidade, para alguns, e de quantidade para outros”. Dito isto passemos às análises. Antes é preciso esclarecer que os exemplos analisados foram extraídos das obras do escritor Rubem Fonseca e que as fontes das obras consultadas estão especificadas entre parênteses, seguida pelo título do conto de onde os pronomes foram retirados, para contextualizar o leitor, partes significativas para a compreensão das análises feitas e dos textos encontram-se no anexo desse trabalho.

Vejamos as frases abaixo:

(1) “Bola 7 bateu na porta da minha casa, minha casa porra *nenhuma*, meu barraco, nem meu barraco é”.¹

(2) “*Nenhum* médico, ou feiticeiro, dá jeito nisso...”.²

1 Amálgama, Os pobres e os ricos. Ver anexo.

2 Amálgama, Amor. Ver anexo.

(3) “Se há uma coisa que eu não engulo é chantagista. Se não fosse isso, não sairia de casa naquele sábado, por dinheiro *nenhum* do mundo”.³

Em (1): podemos dizer que *porra nenhuma* se refere a uma expressão popular já cristalizada, enfática, que significa “que nada!”, entretanto o pronome indefinido se comporta como um pronome periférico que conforme afirma Neves, referem-se a “aqueles elementos que incidem sobre um substantivo, constituindo um adjunto adnominal”. Em geral esses pronomes indefinidos podem vir pospostos ou antepostos ao substantivo. Entretanto, não podemos alterar a posição do pronome na frase. Se o fizermos, embora a frase não se torne agramatical, ela soará estranho aos ouvidos dos nativos: “Bola 7 bateu na porta da minha casa, minha casa *nenhuma* porra, meu barraco, nem meu barraco é”. Não funciona. Nesse caso podemos afirmar que o posicionamento do pronome tem lugar fixo e sua alteração para antes do substantivo compromete a compreensão.

Agora vejamos o segundo exemplo em (2): o pronome indefinido aqui está na posição usual, ou seja, anterior ao substantivo, acompanhando-o, mantendo a sua indefinição, negando a existência do médico.

Em (3): percebemos que há uma nuance discursiva de realce e assim, como no exemplo (1), não podemos alterar o pronome de posição, é uma posição já consolidada, cuja ênfase recai sobre o pronome. Se dissermos: “Se não fosse isso, não sairia de casa naquele sábado, por *nenhum* dinheiro do mundo”. Verificamos que, embora seja possível no português brasileiro, não é muito usual, pois o intuito é reforçar a ideia de que nenhuma quantidade de dinheiro seria suficiente para dissuadir o falante. A intenção é enfatizar o discurso. Em geral, a ordem mais comum dos pronomes é anterior ao substantivo, mas quando há mudança de posição, sem alteração de sentido, tem por objetivo, segundo Cunha e Cintra, a natureza estilística, assim “dos fatores que normalmente concorrem para alterar a sequência lógica dos termos de uma oração, o mais importante é, sem dúvida, a ênfase”.

Os pronomes indefinidos se dividem em substantivos e adjetivos. Os substantivos são aqueles que substituem o substantivo na frase e podem assumir o

³Feliz Ano Novo, Dia dos Namorados. Ver anexo.

papel de sujeito, enquanto os adjetivos acompanham, determinam ou modificam o substantivo. Neves em sua gramática de Usos os dividem em nucleares e periféricos. Nucleares equivaleriam aos pronomes substantivos e os periféricos equivaleriam aos adjetivos.

Nos exemplos descritos podemos dizer que em (1), o pronome indefinido se comporta como pronome substantivo enquanto em (2) e (3), se apresentam como pronomes adjetivos. Na frase (1) não podemos alterar o pronome indefinido de posição por assumir um tom de forte carga emotiva, aparecendo sempre à direita do substantivo. Possuem as mesmas características as expressões do tipo: *merda nenhuma* e *de jeito nenhum*. Na frase (2) temos o que esperamos normalmente do pronome indefinido: antecede o substantivo e permite pospor o pronome ao nome sem alterar o sentido, mas quando realizamos essa mudança enfatizamos a mensagem, como podemos atestar em (3). O fato de o pronome estar empregado após o substantivo há um reforço negativo do discurso.

A linguagem em Rubem Fonseca busca através da escrita se aproximar da oralidade e, ela por sua vez, representa seus personagens, suas emoções, suas origens, sua classe social e o contexto em que estão inseridos. Logo, a linguagem é um recurso que evidencia tanto os seus personagens como a situação em que se encontram. Nas frases acima analisadas percebemos que o escritor faz uso consciente da língua, escolhendo cada elemento que compõe a frase para que o efeito final do discurso atenda ao desejado. Assim, podemos afirmar que tanto os pronomes indefinidos como a ordem em que se encontram são utilizados como mecanismos linguísticos estratégicos que auxiliam na construção da identidade do autor e, por conseguinte na elaboração dos seus personagens. Como vemos em (1), o pronome indefinido, verbalmente, corrobora a agressividade da situação caracterizada na frase pelo palavrão *porra*. O mesmo, vemos em (3) onde o autor inverte a ordem habitual do pronome indefinido a fim de dar ao discurso a força contundente de que dinheiro *nenhum* seria capaz de mudar a convicção do personagem.

Na sequência abaixo, temos:

(4) “*Certa* ocasião minha mãe disse que precisava me contar um segredo”.⁴

O pronome indefinido *certo* antes do substantivo mantém o valor de indefinição, entretanto, a ordem desse pronome na frase, muda significativamente o sentido da mensagem. Vejamos: (4a) Na ocasião *certa* minha mãe disse que precisava me contar um segredo. Nesta, a frase assume outro valor. Enquanto em (4) a ocasião é imprecisa, não deixando claro o momento em que ocorreu, em (4a) é exatamente o oposto. O segredo é revelado no momento certo. Há uma exatidão na ocasião em que ocorre o evento.

A posição do pronome na frase resulta tanto numa mudança semântica quanto sintática. Ao pospor o pronome indefinido ao substantivo, ele assume outro comportamento sintático, adjetivo, deixando de ser pronome para ser qualificador do substantivo.

O pronome indefinido na frase revela uma das muitas características de Rubem Fonseca: frases “secas”, diretas. Pontuadas quando necessárias para descrever determinada situação, como no conto em questão, onde o personagem descobre num momento de doença da mãe, a verdade sobre a morte de seu pai. A situação pede precisão, rapidez, mas intensidade na fala, pois se trata de uma revelação no leito de morte de sua mãe. O pronome indefinido embora crie uma indefinição do momento exato em que isso ocorre, utilizada assim em sua posição usual de pronome indefinido, ajuda a compactar a mensagem em concordância com a situação. Sobre o estilo do autor, Urbano, 2000, afirma:

Ao lado de poucas frases de estruturação mais complexa segundo esquema lógico-tradicional do código escrito, a grande maioria aproveita os recursos mais simples da fala popular: frases curtas, independentes, nominais, ou fragmentárias, compostas de orações justapostas ou apenas coordenadas com frágeis vínculos lógicos”. (Urbano, 2000, p. 219)

Vejamos o pronome *todo*:

(5) “Se for preciso vai *todo* dia chatear os caras, mas eu tenho de decidir antes aonde ela vai”.⁵

⁴Amálgama, Segredos e Mentiras. Ver anexo.

(6) “Eu escovava os dentes pelo menos meia hora, *toda* noite antes de por no copo”.⁵

(7) “Apontando o revólver para o peito dele comecei a aliviar o meu coração: tirei as gavetas dos armários, joguei tudo no chão, chutei os vidrinhos *todos* como se fossem balas, eles pipocavam e explodiam na parede”.⁶

O pronome indefinido *todo*, possui uma particularidade na composição do sentido: a presença ou ausência do artigo definido. Assim em (5) *todo* dia, sem a presença do artigo, significa sequência de dias, período corrido. O mesmo ocorre em (6), significando sequência de noites, uma após a outra. Entretanto, se incluirmos o artigo antes do substantivo, o pronome assume sentido de inteiro, de pleno, não comportando o sentido de sequência, mas de preenchimento: “Se for preciso vai o dia *todo* chatear os caras” / “Eu escovava os dentes pelo menos meia hora, a noite *toda* antes de pôr no copo”.

A utilização e o sentido decorrentes da presença ou ausência dos artigos geram muitas dúvidas até para os próprios falantes do português, ao que um renomado jornal brasileiro, a Folha, explica:

No português do Brasil, ocorre uma distinção entre a expressão construída com o artigo e aquela construída sem ele. Quando dizemos “todo dia”, sem artigo, estamos fazendo referência a todos os dias, à sequência dos dias, um dia após o outro. Já a construção “todo o dia” alude ao dia em sua totalidade, ou seja, trata-se, então, do dia inteiro. Assim, se alguém trabalha todo dia, é sinal de que labuta todos os dias, mas, se trabalha todo o dia, é sinal de que trabalha o dia inteiro. (Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/colunas/noutraspalavras/ult2675u32.shtml>.)

No plural, o referido pronome indefinido não parece causar grandes dúvidas aos nativos, entretanto, é importante deixar claro para os estrangeiros que a presença do artigo é indispensável. Deverá obrigatoriamente, o artigo estar sempre presente antes do substantivo no plural. Independentemente de o pronome vir antes ou depois do substantivo ao qual faz referência. Em (7) anteposição ou posposição é indiferente para o sentido da frase. A ordem não interfere semanticamente na frase. Mas considerando que o usual seria a ordem do pronome se antepor ao substantivo, devemos nos questionar por que o autor

⁵Pequenas Criaturas, A escolha. Ver anexo.

⁶O cobrador, O cobrador. Ver anexo.

escolheu colocá-lo posterior ao nome? Como já expomos anteriormente, quando se trata do funcionalismo da língua, durante sua realização, os falantes inseridos em contextos diversos recorrem a mecanismos, a fim de atender suas intenções, sobretudo na oralidade. Desta forma, podemos dizer que a escolha não foi ocasional, mas sim, para enfatizar a cena, pois, trata-se de um paciente que está emocionalmente alterado e descarrega toda sua frustração quebrando o consultório dentário. Ao descrever a cena essa carga afetiva é transferida para a linguagem, quebrando a ordem óbvia, sendo enfático em sua descrição. A inversão, mais uma vez, serve como uma opção linguística para transmitir ao leitor a forte carga da mensagem em concordância com as emoções e ações do personagem, conforme aponta Bechara, 2005:

Sendo a ordem direta um padrão sintático, a ordem inversa, como afastamento da norma, pode adquirir valor estilístico. E realmente se lança mão da ordem inversa para enfatizar esse ou aquele termo oracional (Bechara, 2005, p.583).

A inversão do pronome *todos* deixa claro em (7) a tensa situação em que se encontra o personagem. Age, atingido pela emoção que o consome naquele momento. Com raiva, sedento por justiça, agride o dentista e todo o entorno que compactua para a diferença social que os distancia. O termo, assim invertido declara, mais uma vez nas palavras, o desequilíbrio emotivo e o contexto histórico-social do personagem:

A linguagem não só é, pela narração, o suporte semântico da narrativa, como também é, ela mesma, por si, um signo, na medida em que denuncia e evoca o próprio narrador e personagens, suas condições socioculturais, suas situações elocutórias, seus comportamentos, seus estados emocionais. Nessas condições, a linguagem é também um elemento caracterizador. Por outro lado, o seu grau de formalidade ou informalidade constitui também um dos fatores caracterizadores da formalidade ou informalidade da própria narrativa. (Urbano, 2000, p.172).

Agora passemos ao pronome *algum*:

(8) “Saí do chuveiro, entreabri a porta do banheiro e vi na sala, num relance, ela dando *alguma* coisa para um homem que estava saindo”.⁷

⁷Pequenas criaturas, Miss Julie. Ver anexo.

(9) “Rodrigo era um homem comum, nem bonito nem feio, nem alto nem baixo, mas não precisava fazer coisa *alguma* para fazer as mulheres se apaixonarem por ele”.⁸

Como podemos observar em (8) o pronome *algum* está anteposto ao nome e assim, indefine o substantivo coisa na frase. O seu valor na oração é positivo. Entretanto, analisemos a frase (9): o pronome está posposto ao nome. A posposição do pronome *algum* adquire valor negativo, podendo estar acompanhada de um elemento negativo ou não. Assim:

(10) “Acordar tarde não faz mal *algum* à saúde’, diz professor em bate-papo”.

(valor negativo)⁹

(10a) “Jogada normal. Em momento *algum* quis machucar o Neymar”, diz Zúñiga.

(valor negativo)¹⁰

Logo, em (10a) mesmo não sendo acompanhado por um elemento negativo como em (10), o que resultaria na dupla negação, ocorrência mais comum no português brasileiro o fato de estar posposto ao substantivo o torna negativo e seu valor passa a equivaler ao pronome indefinido *nenhum*. O posicionamento como vimos nos exemplos (8) e (9), transforma a frase positiva em negativa. O falante nativo, consciente da possibilidade que a posição do pronome oferece, utiliza a ordem do pronome na fala conforme a mensagem positiva ou negativa que queira transmitir. A ordem não é indiferente e o resultado final é o reflexo disso.

Continuemos a explorar a ordem dos pronomes indefinidos nas sentenças:

(11) “Minha aposentadoria por invalidez é muito pequena, mas felizmente tenho a minha filha. Que vai chegar a *qualquer* momento e eu ainda não decidi o que eu quero, uma dentadura nova ou uma cadeira de rodas”?¹¹

⁸Pequenas criaturas, Começo. Ver anexo.

⁹Fonte: <http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2011/10/acordar-tarde-nao-faz-mal-algum-saude-diz-professor-em-bate-papo.html>

¹⁰Fonte: <http://globoesporte.globo.com/futebol/selecoes/colombia/noticia/2014/07/em-momento-algum-quis-machucar-o-ney-mar-diz-zuniga-apos-derrota.html>

(12) “Ao sair, deixo a porta aberta, um vizinho *qualquer* vai descobrir o corpo”¹².

Perini, 2010, descreve na Gramática do Português Brasileiro, no capítulo sobre a ordem dos termos nos sintagmas nominais que há uma dificuldade na verificação das ordens dos sintagmas na sentença por algumas razões semânticas óbvias. Em contrapartida, embora careçam de pesquisas sobre o assunto, há alterações de posicionamento do pronome na frase como em (11) e (12) onde a “diferença de posição se correlaciona com uma diferença nítida de significado”. Assim em (11) o pronome *qualquer* anteposto indica indefinição. Quando posposto transmite ideia depreciativa, sem significância como vemos em (12). Para a obtenção desse valor não basta deslocá-lo para depois do substantivo, é preciso igualmente vir acompanhado do artigo indefinido *um*. Exemplo:

(13) “Eu gostava do sexo que fazíamos, mas também gostava de conversar com ela, *qualquer* assunto, Miss Julie era inteligente e articulada”.¹³

Quando o autor descreve qualquer assunto, significa um assunto indefinido, o qual não importa qual seja, mas se alteramos a posição para: (13a) “mas também gostava de conversar com ela, assunto *qualquer*”. O foco da frase parece deixar de ser a indefinição transmitida pelo pronome *qualquer* em (13) e passa a ser o termo *assunto*, a ideia sobre qual se fala algo.

O uso do pronome indefinido *qualquer*, é interessante, pois expõe uma temática que é recorrente nas obras de Rubem Fonseca, indivíduos anônimos, empilhados nas cidades, desconhecidos e indiferentes. Em (12) não importa quem é o vizinho, provavelmente se conhecem apenas superficialmente, pois não importa quem ele é, nem ao menos a vida importa, já que, o protagonista é um assassino em potencial. O pronome reproduz na escrita a oralidade, através de uma fala simples, banal, comum tal qual a violência está presente no cotidiano dos brasileiros.

Embora o pronome *determinado* não faça parte dos livros didáticos consultados, achamos válido o incluir em nossas análises:

¹¹Pequenas Criaturas, A escolha. Ver anexo.

¹²Pequenas Criaturas, O começo. Ver anexo.

¹³Pequenas criaturas, Miss Julie. Ver Anexo.

(14) “Consegui, em *determinado* momento, sentar-me ao lado de Mimi. Falei que gostava de Amsterdã”.¹⁴

Ao modificarmos a ordem do pronome na frase, percebemos que o significado da frase muda: (14a) Consegui, no momento *determinado*, sentar-me ao lado de Mimi. Se em (14) a determinação do momento é indefinida, em (14a) o momento estava determinado. Nesse caso, além da mudança de ordem, há igualmente mudança na classe gramatical. Sendo pronome indefinido em (14) e adjetivo em (14a).

Alguns autores conceituam os pronomes indefinidos como (a) “pronomes que se aplicam à 3ª pessoa gramatical, quando considerada de um modo vago e indeterminado” (Cunha e Cintra). (b) “São os que se aplicam à 3ª pessoa quando tem sentido vago ou exprimem quantidade indeterminada” (Bechara). (c) “São em princípio, palavras não fóricas, isto é, não constituem itens com função de instruir a busca de recuperação semântica na situação ou no texto. (Neves). (d) “Palavras de significado impreciso ou indefinido que exercem a função de adjetivo (determinando um substantivo) ou de substantivo (substituindo um substantivo), mas não implicam uma ideia de localização” (Garcia).

A partir desses conceitos, concluímos, diante da diversidade da língua portuguesa que o grupo dos pronomes indefinidos se estende para além dos analisados. Assim, podemos classificar como pronomes indefinidos termos como: *outro, nada, tudo, menos, mais, cada, alguém, bastante, vários, pouco, muito, tanto, tamanha, inúmero, outro* etc... com suas respectivas flexões, além das variadas locuções pronominais indefinidas, provenientes desse grupo tais como: *cada qual, cada uma, seja quem for, tal e qual, todo aquele, uma ou outra* etc..., aos quais Garcia (2010) classifica como pronomes indefinidos enfáticos, pois teriam a função de enfatizar o discurso.

Embora sejam vastos, analisamos aqueles cuja mudança na posição gera igualmente variação semântica que pode comprometer a comunicação, tanto na produção quanto na compreensão por parte dos estrangeiros. Os demais, em geral, não apresentam diferenças significativas quanto ao posicionamento. Alguns

¹⁴ Amálgama, A Festa. Ver anexo.

podem apresentar diferenças quanto à nuance, no sentido de ser enfático na comunicação. Esse foi o primeiro critério para a escolha dos pronomes estudados – aqueles que mudam o sentido da frase conforme a alternância de seu posicionamento. O segundo critério foi a busca pelos mais usuais, ou seja, aqueles mais correntes da língua portuguesa, já que, enquanto aprendizes do português como segunda língua ou língua estrangeira, não é alcançável para um curso, a partir de classificações gramaticais, estudar toda a gama de pronomes ofertados pela língua. É preciso focar na relevância imediata do uso.

Além das mudanças de sentido, há aqueles em que ocorre mudança de categoria gramatical, mas esse não é o objetivo do nosso trabalho, pois o nosso objeto de estudo é a ordem dos indefinidos nas frases e o efeito semântico proveniente disso. Quanto à mudança de classe gramatical, esses, certamente, seriam tema para outro trabalho, exemplo:

(15) “Eu não sei fazer *nada*”.¹⁵

(16) “Depois de seis meses sem me comer eu falei com ele, Jeferson, você não faz *nada* comigo tem seis meses, você tem outra mulher?”¹⁶

Na frase (15) o pronome *nada* assume valor de coisa nenhuma, enquanto em (16) o pronome *nada* se comporta como advérbio. Há ainda as interrogativas, quando o pronome *nada* deixa de ser classificado como pronome indefinido e assume o valor de alguma coisa, exemplo: (17) Você não trouxe *nada*? Assim como o pronome *nada*, os pronomes *muito*, *pouco*, *menos*, *mais* e outros podem mudar de categoria, dependendo de quem eles estão determinando, um adjetivo, um substantivo, um verbo ou advérbio. Entretanto, nesses casos a interferência não é ocasionada pela posição, não é determinante o fato de estar anteposto ou posposto ao nome na frase, porém, como já foi colocado, isso é tema para outras pesquisas. Nosso propósito é deixar evidente que as mudanças pesquisadas devem ser consideradas no momento da aprendizagem, pois seu posicionamento interfere na mensagem final. Além do mais, é preciso nos adequar ao dinamismo atual das salas de aulas, não sendo possível a realização de um trabalho que contemple todos os pronomes indefinidos. Isso requer do professor foco na escolha dos

¹⁵Feliz Ano Novo, O outro. Ver anexo.

¹⁶Ela e outras mulheres. Raimundinha. Ver anexo.

pronomes que serão apresentados em sala de aula. Por essa razão, tal como os livros didáticos selecionamos aqueles que são mais correntes nos discursos para que, uma vez que são poucos, quando apresentados possam ser trabalhados de forma mais contundente em sala de aula.

6

Conclusão

Concluimos, através dessa breve pesquisa que a ordem dos pronomes indefinidos é significativa na construção de sentidos no discurso. A mensagem a ser transmitida pode mudar conforme a anteposição ou posposição do pronome indefinido ao nome. Os nativos, mesmo que inconscientes, fazem uso dessa movimentação na frase já que, dominam o resultado semântico proveniente dessas alterações. É preciso observar que, conforme descrito, os pronomes indefinidos são muitos, e em sua maioria a simples mudança de posição, não é suficiente para gerar mudanças de significado. Alguns podem mudar de classe sem, entretanto, mudar o sentido. O usuário nativo domina essas combinações que a língua oferece sem, entretanto, estar ciente dos aspectos estruturais e pragmáticos que permeiam o universo da língua. Por essa razão, escolhemos o funcionalismo como corrente teórica, pois é a corrente que estuda a estrutura, mas também a língua enquanto instrumento de interação social. A interação promove mudanças na estrutura da língua, pois essa tende a se adequar às exigências da comunicação.

Os estrangeiros desconhecem os instrumentos que permitem essa mobilidade discursiva, por isso, cabe a reflexão trazida pelo trabalho. Uma vez apontada a importância de munir os aprendizes com os conhecimentos necessários, seria interessante que os professores partissem da estrutura para se chegar ao discurso, a fim de capacitá-los numa comunicação eficaz, já que, como observamos nos livros didáticos consultados, apenas um apresentou a questão da ordem como pertinente à comunicação, embora tenha apresentado apenas o pronome todo. Isto já oferece aos docentes elementos para a introdução do conteúdo aqui abordado. No entanto mais conscientes da representativa parcela que o professor tem, na aprendizagem de um idioma, cabe a eles, professores, proporcionar contextos que coloquem o aluno em contato com o português em seu uso real, tanto oral quanto escrito, tanto erudito quanto coloquial, além de ser responsável também pelo assentamento dos iniciantes nesse novo contexto cultural ao qual se submetem os estrangeiros ao chegar ao Brasil. Cultural, entenda-se, no conceito de Bennett, objetivo e subjetivo. “Cultura objetiva

consiste em manifestações concretas produzidas pela sociedade, como literatura, música, ciência, arte, língua, enquanto estrutura, entre outras. A Cultura Subjetiva, por outro lado, pode ser encontrada em manifestações abstratas, como valores, crenças e no uso da língua, levando a uma competência intercultural” (apud, 2005). Sendo assim, conforme classificação de Bennett, a fim de trabalhar a cultura objetiva, escolhemos como caminho a literatura, e nesse caso um dos autores modernos ícone de temáticas como a violência, a cidade, o acúmulo de pessoas nas metrópoles, o sexo, as favelas e o Rio de Janeiro, temas que são bem produtivos já que permitem trabalhar o erudito, o coloquial, o registro formal, a oralidade e perspectiva culturais do carioca, do brasileiro, além das aberturas para discussões orais oriundas das diversidades temáticas que as obras fonsequianas em sua riqueza favorecem. Quanto aos alunos, diante de um ambiente de constantes descobertas, pois o nível do aluno a ser trabalhado nesse conteúdo, é o intermediário, onde o país não é mais tão inédito, mas as descobertas sobre ele ainda são contínuas, devem ser expostos a oportunidades de enriquecimento linguístico e cultural, cabendo a eles refletir sobre a riqueza da língua para além das gramáticas e, fazer uso das estratégias oferecidas pelo professor para aprofundamento da língua, tanto escrita quanto oral, como aproveitar o momento em sala de aula para compreender a nossa cultura a fim de facilitar o processo de imersão e socialização vivenciadas pelos estrangeiros ingressos numa nova realidade.

7

Referências Bibliográficas

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 3ª ed.- São Paulo: PubliFolha, 2012.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37ª ed. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). **Gramática do Português Falado, volume 1: A ordem**. 4ªed. - Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2002.

CUNHA, Celso, CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3ª ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERNANDES, G., FERREIRA, T., RAMOS, V. **Muito Prazer: fale o português do Brasil**, São Paulo: Disal, 2008.

FONSECA, Rubem. **Amálgama**. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

_____ **Ela e Outras mulheres**. 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____ **Feliz Ano Novo**. Ed. Especial – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

_____ **O cobrador**. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Agir, 2009.

_____ **Pequenas Criaturas**. 1ª ed.– São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GARCIA, Afrânio da Silva. SOLETRAS, Ano X, nº 19, jan./jun.2010. **Pronomes Indefinidos**. São Gonçalo: UERJ, 2010. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/soletras>> Acesso em: 24 jan. 2015.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Gramática de Usos do Português**. 2ª ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2011.

_____. **Uma Visão Geral da Gramática Funcional**. São Paulo: Revista Alfa, 1994. Disponível em <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3959>>. Acesso em: 03 dez. 2014.

PERINI, Mario A. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.

SANTOS, Jane Cristina Duarte dos. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades. Volume III, nºXII, jan./mar.2005. **Identidade Cultural do Brasileiro: Razão, Ação e Aplicação no PL2-E**. Rio de Janeiro: Unigranrio, 2005. Disponível em:

<<http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/viewFile/467/458>>

Acesso em: 30 jan.2015.

URBANO, Hudinilson. **Oralidade na literatura**. *O caso Rubem Fonseca*. 1ª ed. – São Paulo: Cortez, 2000.

Anexos

1

OS POBRES E OS RICOS

Bola 7 bateu na porta da minha casa, minha casa *porra nenhuma*, meu barraco, nem meu barraco é, eu alugo essa merda, fica no alto do morro e lá embaixo eu vejo as casas dos bacanas todas iluminadas, os putos dão festas todos os dias, o dinheiro está sobrando, e eu tenho ódio deles, tenho ódio de todos os ricos, todo mundo odeia os ricos, e eu jogo pedras nas casas dos putos, mas as pedras não chegam lá, eu sou raquítico, sempre comi mal, não tive peito de mãe para mamar e, no abrigo, só tomava pela metade uma espécie de sopa de massa, e o Bola 7 bateu na porta do barraco e entrou, todo curvado, carregando um embrulho, e disse, gaguejando, ele tinha antigamente o apelido de Gaguinho, mas, depois de matar três que o chamaram de Gaguinho, ninguém mais teve coragem de chamar o Bola 7 de Gaguinho, mas ser chamado de Bola 7 ele não se incomodava, ele é um fodão na mesa de sinuca, eu também jogo, mas sou perna de pau, sou nervoso quando vejo as bolas na mesa, a branca tacadeira, tenho medo de esquecer o valor delas e fico repetindo para mim mesmo, vermelha um ponto, amarela dois, verde três, marrom quatro, azul cinco, rosa seis e a preta sete, o Bola 7 era preto retinto, igual a bola sete da mesa, mas eu fico nervoso e começo a fazer merda na tacadeira e encaçapo a bola errada e sou castigado e me fodo em copas, e o Bola 7 me disse, abrindo o embrulho que carregava, vou deixar essa joia com você, aqui os homens não dão as caras, você tem ficha limpa, venho apanhar quando a barra estiver limpa, e me mostrou uma espécie de carabina, eu nunca tinha visto nada igual, e o Bola 7 disse, este é um fuzil ganan, ou fuzil garnan, um nome assim, e isso aqui em cima é uma lente telescópica, com ela você vê longe, esconde bem este material, devo voltar aqui em uma semana, e o Bola 7 embrulhou o fuzil com a tal lente que via longe e ele mesmo escondeu o embrulho no armário, mas antes me disse, ela tem uma bala para ser disparada, mas está travada, está vendo isto aqui, isto trava e destrava o fuzil, assim trava, assim destrava, vou travar, viu?, está travada, e saiu depois de espiar a rua, e não demorou muito, acho que dois ou três dias, e me disseram que o Bola 7 havia sido morto pela polícia, e então, de noite, eu fui no armário e tirei o fuzil de dentro do embrulho e olhei pela lente a casa toda acesa de um rico filho da puta e levei um susto, eu via a cara das pessoas, as roupas das mulheres, os garçons servindo todo tipo de bebida, umas claras, outras escuras, em todo tipo de copo, uns compridos, outros redondões, outros pequenos, e os ricos riam, rico ri o tempo todo, então eu pensei, vou matar um filho da puta desses, o certo seria o dono da casa, mas eu não sabia quem era o dono da casa, então escolhi um gordo, o cara é gordo porque come muito, da mesma forma que eu sou magro porque passo fome, então, conforme o Bola 7 ensinou, eu destravei a arma e mirei no gordo e apertei o gatilho e atirei e o gordo caiu no chão e todos os ricos começaram a correr de um lado para o outro, não sabiam de onde a morte tinha atacado e eu fiquei no escuro olhando pela lente, sempre pensei que a felicidade não existia, mas a felicidade existe, eu estava feliz.

2

AMOR

Nunca vejo o umbigo, a blusa deixa à mostra apenas quatro dedos de ventre e de dorso. Ela é branca, não uma alvura de lírio, há a radiância do sangue deslizando sob a pele que não sei descrever. Dá vontade de cheirar, de lamber. Às vezes a blusa que usa permite ver a fenda que separa os seios, e posso imaginar a curvatura, a sinuosidade que termina nos mamilos. Sinto mais do que desejo, sinto estupor quando imagino os seios dela. Qual a cor dos mamilos? Devem ter a mesma cor da aréola. Seus cabelos são castanho-escuros, aréolas e mamilos não devem ter um tom rosa muito forte.

Na Bíblia está tudo dito: “És toda bela, minha amada, e não tens um só defeito! Teus seios são dois filhotes, filhos gêmeos de gazela, pastando entre açucenas...”

Não posso deixar ela perceber o que sinto.

Você está bem?, ela pergunta.

Dor de cabeça, respondo.

Você nunca melhora, vai ao médico.

Nenhum médico, ou feiticeiro, dá jeito nisso, quem me dera um médico abrir minha cabeça e arrancar ela de lá. Não estou aguentando vê-la andar perto de mim, o movimento das pernas, os quadris, o sutil movimento das nádegas.

Adeus, digo.

Saio para a rua. Sento numa casa que vende empadas. Uma mulher, na mesa ao lado, com uma pequena colher, alimenta de papinha um bebê num carrinho. Deve ser a mãe, só mãe se entrega a um trabalho desses. É bem verdade que já dei comida na boca de um cachorro vira-lata doente que morava com mendigos na praça perto da minha casa. Em outra mesa uma mulher velha come uma empada, lenta e triste. Mora sozinha, não tem pressa em voltar para casa, ninguém a espera. Fico ali sentado até a dona, uma gorda, me dizer que vai fechar a loja. Também não tenho vontade de voltar para casa, ninguém me espera, digo. Sua cara está triste, a gorda diz, o amor não correspondido faz o rosto mais triste do mundo. Quer dormir aqui?

Vou andando, e as lojas fecham as portas de aço, se defendendo da alma penada que passa em frente. Vitrines, atrás de grades e arames protetores, também se apagam. As ruas começam a ficar escuras.

3

DIA DOS NAMORADOS

Se há uma coisa que eu não engulo é chantagista. Se não fosse isso, não sairia de casa naquele sábado, por dinheiro **nenhum** do mundo.

O advogado Medeiros ligou para mim e disse, é uma chantagem e o meu cliente paga. O cliente dele era J.J. Santos, o banqueiro. Mandrake, continuou Medeiros, o assunto tem que ser encerrado sem deixar resto, entendeu? Entendi, mas vai custar uma grana firme, eu disse, olhando a princesa loura que estava comigo.

Eu sei, eu sei, disse Medeiros. Sabia mesmo, tinha sido político, tinha passado pelo governo, era ministro aposentado, estava por dentro de tudo. Comecei mal aquele sábado. Acordei irritado, com dor de cabeça. Ressaca de uma noite cheia

de libações. Andei pela casa, ouvi o Nelson Gonçalves, abri a geladeira e comi um pedaço de queijo-cavalo.

Peguei meu carro e fui para o Itanhangá, onde os grã-finos jogam polo. Gosto de ver os ricos se mexendo. Foi lá que encontrei a loura. Parecia uma flor orvalhada, a pele saudável e limpa, os olhos brilhando de saúde. Os jogadores de polo vão parar no inferno, eu disse.

Como?, ela perguntou.

No juízo final os ricos se fodem, respondi.

Um socialista romântico!, ela riu, com desprezo.

Era essa loura que estava no meu apartamento quando o advogado Medeiros ligou.

J.J. Santos, o banqueiro de Minas, no mesmo sábado, discutia com sua esposa se iam ou não ao casamento da filha de um dos seus sócios.

Não vou, a mulher de J.J. Santos disse, vai você. Ela preferia ficar vendo televisão e comendo biscoito. Casados há dez anos, estavam naquele ponto em que você se conforma e morre encarcerado ou chuta a mulher pro alto e fica livre. J.J. Santos vestiu um terno escuro, camisa branca, gravata prateada. Eu peguei a princesa loura e disse, vem comigo. Era dia dos namorados. (...)

4

SEGREDOS E MENTIRAS

Tenho uma tendência à prolixidade, uso mais palavras e frases do que o necessário e acabo me tornando enfadonho. Não existe nada pior do que ler um texto fastidioso. Por isso tentarei ser o mais conciso possível ao narrar esta história. Meu pai morreu quando eu ainda era criança, tinha 11 anos de idade. Ele deixou recursos suficientes para minha mãe cuidar da casa e de mim com todo conforto. Minha mãe se chamava Emília, meu pai, Murilo. Ele era muito carinhoso, tratava minha mãe com amor, nunca brigou comigo quando eu fazia as minhas traquinagens de criança. Quem me punha de castigo era minha mãe. Sempre achei engraçado o fato de ele e a minha mãe terem olhos negros e os meus serem azuis. Um dia minha mãe disse que o meu pai tinha sido hospitalizado. Ela não me explicou bem a razão, passava o dia no hospital e parecia estar muito deprimida. Certa ocasião em que ela não estava em casa eu atendi o telefone. Era um delegado de polícia, que pediu que eu dissesse à minha mãe que ele precisava falar com ela urgentemente. Minha mãe não se casou novamente. Era uma mulher bonita, ainda relativamente jovem quando o meu pai morreu, mas não se interessou por nenhum homem. Vivia preocupada com a minha saúde. Eu era um menino muito magro, e se desse um espirro ela corria para me levar ao médico. Não adiantava o dr. Cardoso dizer que eu tinha uma saúde de ferro e era forte como um touro. “Forte como um touro? Olha os bracinhos dele, as costelas aparecendo, as olheiras...”

“D. Emília, essas olheiras são uma simples concentração de melanina nas pálpebras inferiores. Sabe qual a origem? Hereditariedade. Ele herdou isso da senhora”. Durante a adolescência eu me apaixonei várias vezes, creio que isso acontece com todo garoto ao entrar na puberdade. Quando chegou a ocasião de ir para a faculdade, escolhi medicina. Fui um bom aluno e me especializei em clínica médica, ou clínica geral. Na faculdade namorei uma colega de classe, Denise. Quando terminou o curso ela foi fazer uma especialização nos Estados

Unidos, e o nosso namoro terminou. Um dia tive uma surpresa agradável. Encontrei Denise numa conferência médica. E reatamos o namoro.

Eu me encontrava com Denise diariamente. Mas aconteceu algo muito perturbador. Ela detestou a minha mãe, que por sua vez achou Denise uma mulher feia, antipática e velha. (Denise era dois anos mais velha do que eu.) “Por favor, meu filho, não traga mais essa mulher aqui”. Continuei me encontrando com Denise, sem que a minha mãe soubesse. Denise queria que morássemos juntos, mas eu não tinha coragem de deixar a minha mãe sozinha no apartamento dela. Por essa época notei que a minha mãe não estava com bom aspecto, tossia muito e tinha dificuldade de respirar. Obriguei-a a fazer uma série de exames cujo resultado eu suspeitava. Ela estava com um câncer pulmonar. Apenas um pulmão fora afetado. O médico que estava cuidando dela indicou o procedimento cirúrgico, que deveria ser feito imediatamente para evitar que o tumor se espalhasse para fora do pulmão através de metástase. Ao mesmo tempo, minha mãe seria submetida à quimioterapia. Gostaria de não precisar falar mais da doença da minha mãe. Mas ela está entrelaçada a tantas histórias, umas estranhas, outras inacreditáveis, outras assustadoras, que eu não posso deixar de narrar. O tumor da minha mãe tornou-se metastático. Não havia nada a fazer, apenas evitar a dor com doses de morfina. *Certa* ocasião minha mãe disse que precisava me contar um segredo. Ela puxou a minha cabeça de maneira a encostar a boca na minha orelha. Notei rapidamente que as pupilas dos seus olhos estavam fortemente constrictas. Ela estava sedada com morfina, e eu pensei que ela devia estar sofrendo uma alucinação.

“Seu pai... seu pai...”, ela sussurrou, “seu pai... Não sei como dizer isso... seu pai se matou. Ele se matou, se matou...”. Fiquei olhando o rosto envelhecido, debilitado da minha mãe. Ela fez um gesto, dando a entender que queria falar mais. Aproximei meu ouvido da sua boca. “Seu pai... seu pai...” Calou-se, os olhos fechados. Pensei que estava dormindo. Mas não. “Seu pai... Não tenho coragem... coragem... Não tenho coragem de contar a verdade, o que realmente aconteceu...”

Minha mãe calou-se novamente. Aquelas foram as últimas palavras que ouvira sua boca. Ela entrou em coma e algum tempo depois faleceu. Denise apresentou as condolências de praxe, conseguindo esconder a satisfação que a morte da minha mãe certamente lhe causara. Eu decidi que não contaria para ela a história do suicídio do meu pai (...)

5

A ESCOLHA

Quero zanzar pelo terreno que fica em frente à minha casa, ir até o campo onde os moleques jogam as peladas, apanhar um pouco de sol, ver as pessoas, as mulheres, só olhar, meu tempo já passou. Mas quero também comer uma costeleta de porco bem passada e um sanduíche de filé com queijo em pão francês cascudo e tostado. Minha filha diz que tenho que escolher, uma coisa ou outra, a mulher do prefeito mora num lugar, a mulher do governador em outro e as filas são enormes, os pretendentes são muitos e a minha filha quer aproveitar as férias no emprego para tratar disso. Se for preciso vai *todo* dia chatear os caras, mas eu tenho de decidir antes aonde ela vai.

Às vezes fico pensando o que seria de mim se eu não tivesse essa filha. Ela sai muito cedo de casa, mas antes prepara o meu café e deixa pronto o meu almoço. E pensar que teve uma ocasião em que cheguei a bater nela, ameacei botar pra fora de casa, quando descobri aquilo. Eu era muito burro. Dizem que existe uma diferença entre o sujeito burro e o ignorante, que o ignorante pode aprender e mudar, e o burro não consegue. Se isso for verdade, quando briguei com minha filha eu não era burro, só ignorante, pois aprendi muita coisa, aceitei a minha filha como ela era. Deus sabe por que faz as pessoas serem como são, diferentes numas coisas, mas iguais em quase tudo. O incêndio do circo também me ajudou a entender um pouco melhor os meus semelhantes. É duro o sujeito ter de escolher entre duas coisas que quer muito. Mas a vida é assim, ninguém consegue tudo o que quer, nem o homem mais rico do mundo, ele também às vezes tem de escolher. A vantagem do homem rico é que ele é mais feliz que o pobre. Minha filha não concorda comigo, diz que dinheiro não dá felicidade, que só o amor dá felicidade. Digo que o sujeito rico também pode amar e ser feliz e ela responde que o sujeito rico só pensa em dinheiro, e quem é feliz só pensa na pessoa que ama. Minha filha está apaixonada. Passei o dia pensando na escolha que devo fazer. Minha filha vai chegar e eu ainda não sei o que vou dizer a ela. Nunca sentei numa cadeira de rodas, mas dentaduras eu já tive, duplas, e sinto uma falta danada delas. Lembro com saudade das duas, tão bonitas dentro do copo de água onde eu as punha de noite ao deitar, a parte rosada brilhando e os dentes todos aparecendo limpinhos, através da água. Eu escovava os dentes pelo menos meia hora, *toda* noite antes de pôr no copo, usava sabão de lavar roupa, aquele azul, não tem melhor para limpar os dentes. Mas lembro também dos meus passeios nas tardes de sábado e domingo, de short e tênis, olhando o racha da molecada no campinho de traves sem redes, olhando as mulheres, indo tomar uma cerveja na birosca. O conjunto habitacional onde moro fica num enorme terreno plano, cheio de espaço. Dá para passear nele de cadeira de rodas. Tenho de decidir. Perdi a dentadura no incêndio do circo, todo mundo lembra do incêndio do circo, morreu um monte de gente. Foi horrível. Eu não morri, mas fiquei aleijado, e mal consigo andar de muletas. Num único dia aconteceram todas essas desgraças comigo. Um sujeito que disse ser advogado apareceu aqui em casa e me pediu um dinheiro dizendo que ia fazer o dono do circo me dar grana suficiente para comprar quinhentas dentaduras. Eu devia ter sacado que ele estava mentindo, o dono do circo sumiu, o advogado sumiu. Minha aposentadoria por invalidez é muito pequena, mas felizmente tenho a minha filha. Que vai chegar a *qualquer* momento e eu ainda não decidi o que eu quero, uma dentadura nova ou uma cadeira de rodas? Quem está dando dentadura é a mulher do prefeito. A mulher do governador está dando cadeira de rodas. Minha filha entra de férias hoje e disse que vai conseguir o que eu escolher, nem que precise passar as férias inteiras numa das filas. Tenho de decidir aonde ela vai batalhar por mim.

Um sujeito sem nenhum dente como eu tem que saber comer direito. Banana é fácil, agora gosto mais ainda de banana, eu as espremo com as gengivas na boca antes de engolir, vira uma pasta, sinto muito melhor o gosto. Pão eu só posso comer o de forma, molhado no café com leite.

Posso comer o pão francês, que eu prefiro, molhando também no café com leite, mas só de vez em quando, se comer todos os dias acaba ferindo minhas gengivas. Gosto de tomar sopa e comer purê de batata. E posso comer carne moída bem cozida. Mas eu queria ter as gengivas afiadas, como o Gumercindo, que diz que come até bife, mas as minhas gengivas são fracas e doem quando mastigo

qualquer coisa mais dura. Sonho, pelo menos uma vez por mês, com costeleta de porco frita.

Minha filha chega, acompanhada de Jaqueline. Eu agora gosto de Jaqueline. Ela é bonita e mais paciente do que a minha filha, e me trata como se eu fosse o pai dela, é sozinha no mundo. Eu já devia ter falado sobre Jaqueline, mas talvez esse assunto ainda me incomode um pouco. As duas me beijam no rosto.

“Como é, papai, já decidiu?”

“Me dá mais meia hora.”

“Chegou a hora. Amanhã vou sair em campo.”

As duas vão para a cozinha preparar o jantar.

Jantamos, os três. Como purê de abóbora e depois biscoito Maria molhado no leite.

“Chegou a hora da decisão, papai.”

“A cadeira de rodas” eu digo.

Tenho a impressão de que elas ficam um pouco desapontadas. As mulheres dão muita

importância à aparência, e um homem desdentado é mesmo muito feio.

“Amanhã vamos chegar cedinho lá no palácio. Se for preciso, arranjo um jeito de falar até com a mulher do governador.”

Minha filha e a sua amiga se entreolham, sei o que vão me perguntar.

“Pai, posso trazer a Jaqueline para morar com a gente? Ela fica no meu quarto.”

“Pode, sim, vai alegrar a nossa casa.”

“Obrigado, papai. Nós estamos muito felizes.”

Elas se abraçam e se beijam, acho que na boca, mas não quero ver.

“Pai, nós tivemos uma ideia. Enquanto eu vou para a fila da cadeira de rodas a Jaqueline pode ir para a fila da dentadura. Quem sabe a gente não consegue as duas coisas?”

“Nós vamos conseguir” diz Jaqueline, afagando a minha mão.

As duas estão muito contentes. Depois, elas me ajudam a deitar e vão abraçadas para o quarto. Fico na cama, pensando. A cama é o pior lugar do mundo, para o sujeito ficar pensando.

6

O COBRADOR

NA PORTA da rua uma dentadura grande, embaixo escrito Dr. Carvalho, Dentista. Na sala de espera vazia uma placa, Espere o Doutor, ele está atendendo um cliente. Esperei meia hora, o dente doendo, a porta abriu e surgiu uma mulher acompanhada de um sujeito grande, uns quarenta anos, de jaleco branco. Entrei no gabinete, sentei na cadeira, o dentista botou um guardanapo de papel no meu pescoço. Abri a boca e disse que o meu dente de trás estava doendo muito. Ele

olhou com um espelhinho e perguntou como é que eu tinha deixado os meus dentes ficarem naquele estado.

Só rindo. Esses caras são engraçados. Vou ter que arrancar, ele disse, o senhor já tem poucos dentes e se não fizer um tratamento rápido vai perder todos os outros, inclusive estes aqui — e deu uma pancada estridente nos meus dentes da frente. Uma injeção de anestesia na gengiva. Mostrou o dente na ponta do boticão: A raiz está podre, vê? Disse com pouco caso.

São quatrocentos cruzeiros.

Só rindo. Não tem não, meu chapa, eu disse.

Não tem não o quê?

Não tem quatrocentos cruzeiros. Fui andando em direção à porta.

Ele bloqueou a porta com o corpo. É melhor pagar, disse. Era um homem grande, mãos grandes e pulso forte de tanto arrancar os dentes dos fodidos. E meu físico franzino encoraja as pessoas. Odeio dentistas, comerciantes, advogados, industriais, funcionários, médicos, executivos, essa canalha inteira; Todos eles estão me devendo muito. Abri o blusão, tirei o 38, e perguntei com tanta raiva que uma gota de meu cuspe bateu na cara dele, — que tal enfiar isso no teu cu? Ele ficou branco, recuou. Apontando o revólver para o peito dele comecei a aliviar o meu coração: tirei as gavetas dos armários, joguei tudo no chão, chutei os vidrinhos *todos* como se fossem bolas, eles pipocavam e explodiam na parede. Arrebentar os cuspidores e motores foi mais difícil, cheguei a machucar as mãos e os pés. O dentista me olhava, várias vezes deve ter pensado em pular em cima de mim, eu queria muito que ele fizesse isso para dar um tiro naquela barriga grande cheia de merda. Eu não pago mais nada, cansei de pagar! Gritei para ele, agora eu só cobro! Dei um tiro no joelho dele. Devia ter matado aquele filho da puta* * *

(...)

7

MISS JULIE

(...) A única peça importante que eu fiz, logo no início da minha carreira, foi *Miss Julie*, do Strindberg. Eu fazia Jean, o jovem criado que come a Miss Julie, a filha do patrão, o conde. A crítica me arrasou, aliás fez o mesmo com as duas atrizes, éramos só três personagens. A peça foi um fracasso, mas o papel de Jean foi uma experiência muito importante para mim, ter enfrentado aquela pedreira foi muito útil para o meu futuro, é bem verdade que ultimamente tenho feito mais besteiro do que peças sérias.

Telefonei para Miss Julie, marcamos um encontro, ela só me deu o endereço depois de conversarmos quase meia hora. Era uma jovem engraçada, elegante, delicada, fazia o seu papel de gueixa, tão interessante que me encontrei com ela muitas vezes. Perguntei por que usava o nome de guerra de Miss Julie e ela respondeu que havia visto um filme com esse título e gostara muito. Não tinha, logo percebi, a menor ideia de quem eu era, não gostava de televisão, alguém que não gosta dessa porcaria já conta ponto a seu favor, sou ator, trabalho em novela, mas sei que a televisão é um lixo. Miss Julie disse que estudava contabilidade e que trabalhava numa firma, muitas gostam de fingir que são putas *part-time*. Eu disse que era executivo de uma multinacional, um papel que sei fazer bem. Às vezes, quando estava muito cansado e tenso, a profissão de ator, ainda mais um tão solicitado quanto eu, é muito desgastante, mas, como dizia, quando estava muito extenuado, Miss Julie, antes de fodermos, me dava uma massagem que

acabava com todas as dores do meu corpo. E, depois da função, tirava com cuidado a camisinha cheia de esperma do meu pênis para não sujar o lençol e dizia, vai tomar banho enquanto joga isso no lixo. E tinha ocasiões em que eu dava uma segunda, coisa que nunca fiz com a minha ex. Eu sei que parece mentira, mas Miss Julie gozava quando fodia comigo, e dizia que me amava, de uma maneira que me fazia acreditar no que ela dizia, e se não fosse uma puta acho que eu sentiria uma coisa parecida por ela. Eu gostava do sexo que fazíamos, mas também gostava de conversar com ela, *qualquer* assunto, Miss Julie era inteligente e articulada. Decidi que ia lhe propor deixar de lado aquela profissão, que eu passaria a dar a ela todo o dinheiro necessário para o seu sustento. Se ela quisesse, comprava a porra do apartamento na Barra. Um dia eu estava tomando banho, sempre demorava tomando um longo banho quente depois do sexo, pensando que quando saísse do chuveiro ia sugerir que ela ficasse só comigo, disposto a virar uma espécie de coronel das antigas, e daí? Dinheiro não me fazia falta e eu só sentia tesão por ela. Então ouvi vozes. Havíamos combinado que quando eu estivesse na casa de Miss Julie não seriam admitidas visitas. Saí do chuveiro, entre abri a porta do banheiro e vi na sala, num relance, ela dando *alguma* coisa para um homem que estava saindo (...)

8

COMEÇO

(...) O HOMEM POR QUEM AS MULHERES ERAM LOUCAS – “Rodrigo era um homem comum, nem bonito nem feio, nem alto nem baixo, mas não precisava fazer coisa *alguma* para fazer as mulheres se apaixonarem por ele. Qualquer uma que conversasse com Rodrigo por mais de meia hora sentia-se inconscientemente excitada, um calor na pele, uma espécie de euforia na mente. E o assunto podia ser qualquer um, sobre crianças e empregadas, a tediosa e recorrente conversação feminina, ou sobre política ou economia, caso uma mulher se interessasse por isso. Em suma, qualquer coisa. Quanto mais tempo a mulher ficasse ao lado do nosso herói, mais se encantaria com ele, pois Rodrigo era um homem que amava intensamente o sexo feminino e as mulheres sentiam isso, como um gás inebriante, um feitiço, um sortilégio que as fascinava, seduzindo-as, contaminando-as, instigando-as a se entregarem a ele.(...)

11

Vide acima anexo nº5.

12

COMEÇO

(...) Gosto deste novo começo. Não consigo acabar com as baratas que me perseguem, dedetizo periodicamente a minha casa mas elas sobem do apartamento de baixo, onde mora uma velha suja e petulante. Ontem ela disse, sai da minha frente, gordo molenga, quando me encontrou na escada. A velha desgraçada subia os degraus com mais rapidez do que eu. Dei passagem a ela sentindo vontade de agarrar o seu magro pescoço pelancudo e exterminar naquele momento a sua vida inútil. Odeio baratas e antes as matava pisando nelas, mas hoje vou matá-las com a minha mão, isso me dará uma satisfação especial, eu me vingando assim do nojo e

do medo que me causam. Corro atrás da primeira barata que aparece na cozinha e achato-a com um golpe forte, sinto a barata estalando e enchendo de gosma fedorenta a palma da minha mão, que esfrego vitorioso no chão da cozinha. Meus pensamentos correm como ferozes tigres famintos perseguindo gazelas assustadas numa infundável pradaria. Não vou passar o resto dos meus dias matando baratas. Desço ao andar de baixo. Quando a velha abre a porta eu entro e a agarro pelo pescoço, esganando-a. Ainda não sei como dizer o que sinto. Pego alguns objetos na casa para parecer que a velha foi morta por um ladrão. Ao sair, deixo a porta aberta, um vizinho *qualquer* vai descobrir o corpo. Ninguém suspeitará de mim. Sou conhecido como um gordo manso e inofensivo.

Neste momento estou desenvolvendo o começo da história que iniciei com o título que lhe deu o sopro inicial de vida. No quiosque de livros da praça li um poema no qual o autor (roubei dele o título da minha história) diz que o mundo é doloroso, os seres humanos não merecem existir e ele, poeta, suspeita que a crueldade da sua imaginação está de certa forma conectada com seus impulsos criativos. Matar a velha, não a crueldade, como disse o poeta, mas a força do meu ato e não apenas da minha imaginação foi a impulsão que fará de mim um verdadeiro escritor. Livre-se da sua vidinha? O escritor não pode livrar-se da sua vida. Escrever é começar. Tenho, agora, o começo, tenho o meio e o fim.

13

Vide acima anexo nº7.

14

A FESTA

(...) Antes de mais nada, devo dizer que sou um penetra. Para mim é fácil entrarem festas sem convite. Sou elegante, uso roupas caras, meu relógio é um Patek Philippe (uma falsificação perfeita), sei conversar sobre qualquer assunto e, o principal, as mulheres me acham bonito. Quando uma mulher acha um homem bonito ela lhe atribui todas as boas qualidades que um homem perfeito deve ter, especialmente dinheiro. As mulheres não querem saber de homens pobres. Não pensem que esse é mais um raciocínio misógino, eu não desprezo nem sinto aversão pelas mulheres, mas tenho que ser realista e ver as coisas como elas são. Eu penetra naquela festa disposto a seduzir a dona da casa. Não sentia por ela a menor atração, pelo contrário. Mas o fato de sentir pela mulher que quero seduzir uma certa ojeriza facilita o meu trabalho, fico mais paciente, mais frio, planejo melhor a estratégia a ser adotada. A viúva, conhecida como Mimi (o seu nome verdadeiro era Raimunda, mas ela considerava o nome feio), frequentava todos esses sites da internet, o que facilitou a pesquisa prévia que realizei sobre ela. Não havia qualquer menção sobre o seu currículo escolar, o que significava que, quando muito, ela tinha o curso primário. Eram mencionadas principalmente as suas viagens e as suas propriedades, em Paris, Nova York e Amsterdã. Consegui, em *determinado* momento, sentar-me ao lado de Mimi. Falei que gostava de Amsterdã.

“Eu também”, ela disse. “Nunca fumei uma maconha tão boa quanto a que fumo lá. Eu tenho um apartamento no canal, bem no centro. Lindo”. “E o Distrito da Luz Vermelha? ”, perguntei.

Ela disse que aquilo era “coisa para turista”.

Resolvi discorrer sobre o Distrito da Luz Vermelha. Para isso existe a internet (...).

15

O OUTRO

(...) Vi que o sujeito que me pedia dinheiro estava em pé, meio escondido na esquina, me espreitando, esperando eu passar. Dei a volta e caminhei em sentido contrário. Pouco depois ouvi o barulho de saltos de sapatos batendo na calçada como se alguém estivesse correndo atrás de mim. Apressei o passo, sentindo um aperto no coração, era como se eu estivesse sendo perseguido por alguém, um sentimento infantil de medo contra o qual tentei lutar, mas neste instante ele chegou ao meu lado, dizendo, “doutor, doutor”. Sem parar, eu perguntei, “agora o quê? ”. Mantendo-se ao meu lado, ele disse, “doutor, o senhor tem que me ajudar, não tenho ninguém no mundo”. Respondi com toda autoridade que pude colocar na voz, “arranje um emprego”. Ele disse, “eu não sei fazer *nada*, o senhor tem de me ajudar”. Corríamos pela rua. Eu tinha a impressão de que as pessoas nos observavam com estranheza. “Não tenho que ajudá-lo coisa alguma”, respondi. “Tem sim, senão o senhor não sabe o que pode acontecer”, e ele me segurou pelo braço e me olhou, e pela primeira vez vi bem como era o seu rosto, cínico e vingativo. Meu coração batia, de nervoso e de cansaço. “É a última vez”, eu disse, parando e dando dinheiro para ele, não sei quanto. Mas não foi a última vez. Todos os dias ele surgia, repentinamente, súplice e ameaçador, caminhando ao meu lado, arruinando a minha saúde, dizendo é a última vez doutor, mas nunca era. Minha pressão subiu ainda mais, meu coração explodia só de pensar nele. Eu não queria mais ver aquele sujeito, que culpa eu tinha de ele ser pobre? (...)

16

RAIMUNDINHA

(...) Jeferson estava desempregado, procurando trabalho, e assim, enquanto ele não conseguia um novo emprego, eu dava a ele uns trocados para comprar cigarro, mas eu sabia que ele fingia que fumava três maços por dia e fumava apenas um e o resto do dinheiro era para tomar uma cachacinha, só que eu fingia que não sabia. Ele era um homem forte, mas na cama era meio frouxo. No início ele me comia nos sábados, depois nem isso. Depois de seis meses sem me comer eu falei com ele, Jeferson, você não faz *nada* comigo tem seis meses, você tem outra mulher? Ele jurou por Deus que não tinha mulher nenhuma, aquilo que estava acontecendo com ele era porque ele estava muito preocupado por não conseguir arranjar emprego, o que deixava ele nervoso, e um homem nervoso não dá no couro. Eu disse, você passa o dia dormindo e vendo televisão, assim não vai arranjar

emprego nunca. Jeferson respondeu que eu estava sendo injusta com ele, que eu não sabia o quanto ele sofria, que um homem com vergonha na cara odiava aquela situação, ser sustentado pela mulher. E fez uma cara de cachorro triste que cortou o meu coração (...).